

PAUL HOFFMAN

O ANJO NEGRO

Tradução de Elsa T. S. Vieira

1

Um breve relatório sobre Thomas Cale, Lunático, baseado em três conversas no Priorado da ilha de Chipre

(Nota: Esta avaliação teve lugar depois do enfarte da Madre Superiora Allbright. As notas que ela arquivou perderam-se, juntamente com os detalhes de admissão de Cale. Este relatório deve ser lido à luz desta ausência e portanto não assumo a responsabilidade por nenhuma das minhas conclusões.)

Características Físicas

Estatura média, invulgarmente pálido. Não tem o dedo médio da mão esquerda. Fratura depressiva do lado direito do crânio. Severo tecido cicatricial quelóide em ferimento no ombro esquerdo. Paciente diz sofrer dores intermitentes de todos os ferimentos.

Sintomas

Vômitos severos, geralmente a meio da tarde. Exaustão. Sofre de insónia e pesadelos quando consegue dormir. Perda de peso.

Historial

Thomas Cale não sofre de delírios histéricos ou comportamento descontrolado, para além do que é próprio da sua natureza irascível. Os acessos de vômitos vespertinos deixam-no exausto ao ponto de não conseguir falar, e depois dorme. À noite, consegue

falar, embora seja a mais sarcástica e cruel das pessoas. Afirmar ter sido comprado por seis *pence*, a pais que não recorda, por um padre da Ordem do Redentor Enforcado. Tomas Cale é um engraçadinho (uma das suas afetações mais irritantes), e tenta sempre deixar o interlocutor na dúvida sobre se está a troçar dele; ou, num contraste desagradável, deixa perfeitamente claro que está. Conta a história da sua educação no Santuário como se estivesse a desafiar-me a não acreditar nas crueldades diárias que suportou. Enquanto recupera do ferimento que lhe causou a mossa na cabeça, afirma (mais uma vez, não é possível aferir com que nível de seriedade) que a sua grande perícia (em retrospectiva, ele parece estar a vangloriar-se, mas não é essa a minha impressão na altura) aumentou muito, em resultado do ferimento, e que desde que recuperou consegue sempre antecipar quaisquer movimentos do adversário. Parece improvável; recusei a sua oferta de me fazer uma demonstração. O resto da narrativa é tão improvável como a mais rebuscada história infantil de temeridade e heroísmo. É o pior mentiroso que já encontrei.

A história que ele conta, resumidamente. A sua vida de privação e treino militar no Santuário teve um fim dramático certa noite, depois de apanhar acidentalmente um Redentor de elevada patente a dissecar duas jovens ainda vivas, algum tipo de experiência sagrada para descobrir uma forma de neutralizar o poder das mulheres sobre a Humanidade. Depois de matar esse Redentor na luta que se seguiu, fugiu do Santuário com a jovem sobrevivente e dois dos seus amigos, perseguidos por mais Redentores numa missão de vingança. O quarteto, depois de escapar aos seus perseguidores, foi parar a Memphis onde, plausivelmente, Thomas Cale fez muitos inimigos e (muito menos plausivelmente) vários aliados poderosos, incluindo o famoso IdrisPukke e o seu meio-irmão, o (à altura) chanceler Vipond. Apesar destas vantagens, a sua natureza violenta veio ao de cima numa alteração brutal mas, invulgarmente, não fatal, com (segundo as suas palavras) meia dúzia de jovens de Memphis, da qual (naturalmente) saiu vitorioso, embora não sem antes ter sido detido e enviado para a prisão. Ainda assim,

Lorde Vipond interveio mais uma vez, misteriosamente, e ele foi enviado para a província com IdrisPukke. A tranquilidade do pavilhão de caça dos Materazzi, onde ficaram alojados, foi interrompida pouco depois da sua chegada por uma mulher que o tentou assassinar, por motivos que não conseguiu esclarecer. O homicídio foi impedido, não pelas suas maravilhosas capacidades (na altura do ataque estava a nadar nu), mas por um estranho misterioso, invisível e insolente, que matou a pretensa assassina com uma seta nas costas. O seu salvador desapareceu então, sem explicação e sem deixar rasto.

Nesta altura, os padres do Santuário já tinham descoberto o seu paradeiro aproximado e tentaram fazer com que ele se revelasse (ou assim afirma) raptando Arbell Materazzi, a filha do doge de Memphis. Quando lhe perguntei por que motivo os Redentores arriscariam uma guerra desastrosa com o maior de todos os poderes temporais, por causa dele, riu-se na minha cara e disse-me que me revelaria a sua importância magnificente na devida altura. Os loucos que se têm em grande consideração, na minha experiência, levam a sua importância muito a sério, mas uma das características de Thomas Cale é que o seu estado de demência só se torna evidente algumas horas depois de a conversa com ele ter terminado. Enquanto estamos na sua companhia, até as histórias mais implausíveis que ele conta nos fazem suspender a incredulidade até várias horas mais tarde, altura em que se apodera de nós uma sensação muito irritante, como se tivéssemos sido enganados por um charlatão de rua e convencidos a dar dinheiro por um frasco de remédio universal. Já vi esta característica em loucos antes, embora raramente, na medida em que os delírios de alguns são tão poderosos, e de forma tão estranha, que estes delírios conseguem envolver até os mais cautelosos dos anomistas.

Claro que Thomas Cale salva a bela princesa dos perversos Redentores, mas, é preciso que se diga, não através de uma luta nobre e justa contra probabilidades esmagadoras, mas sim apunhalando a maioria dos seus adversários durante o sono. Esta é outra

característica invulgar do seu delírio: que cada um dos seus triunfos intermináveis não é, regra geral, alcançado mediante heroísmo e audácia nobre, mas através de embustes brutais e pragmatismo inescrupuloso. Normalmente, estes loucos apresentam-se a si próprios como galantes e corajosos, mas Thomas Cale admite abertamente ter envenenado a água dos seus inimigos com animais em decomposição e ter matado os adversários durante o sono. Vale a pena relatar brevemente um dos nossos diálogos a este respeito.

EU

É normal para si matar sempre os prisioneiros desarmados?

PACIENTE

É mais fácil do que matá-los quando estão armados.

EU

Portanto crê que as vidas dos outros são motivo para sarcasmo?

PACIENTE

(não responde)

EU

Nunca põe a hipótese de mostrar misericórdia?

PACIENTE

Não, nunca o fiz.

EU

Porquê?

PACIENTE

Eles também não me mostrariam misericórdia. Além disso, se os deixasse ir, seria apenas para descobrir mais tarde que tinha de lutar com eles outra vez. Podia ser feito prisioneiro... e acabar por ser eu morto.

EU

E quanto a mulheres e crianças?

PACIENTE

Nunca as matei deliberadamente.

EU

Mas matou-as?

PACIENTE

Sim. Matei-as.

Ele afirma ter construído um campo para sequestrar as esposas e filhos da insurreição do Povo e que, por ter sido levado para outro local, quase todo o acantonamento, com cinco mil almas, morreu de fome e doença. Quando lhe perguntei o que sentia em relação a isso, respondeu: «O que devia sentir?»

Regressemos à história. Depois do salvamento brutal da belíssima Arbell Materazzi (existirão princesas simplesmente normais no mundo dos loucos?) foi promovido, juntamente com os seus dois amigos, ao posto de guarda da jovem, em relação a quem alberga, conforme ficou evidente nas nossas três longas conversas, um profundo ressentimento pela sua ingratidão e desdém para com ele. Este azedume parece afetá-lo bastante, devido à sua convicção de que, quando Memphis caiu mais tarde nas mãos dos Redentores, foi porque os Materazzi não executaram o plano dele para os derrotar. (A propósito, ele insiste bastante no facto de a sua capacidade como general ser ainda maior do que o seu talento para selvajaria pessoal.)

Habitualmente sarcástico e casual quando se vangloria da sua grande ascensão ao poder (mais uma vez, o tom de voz faz com que não pareça fanfarronice até termos hipótese de refletir, em sossego, sobre as suas reivindicações), ficou extremamente indignado quando contou a forma como foi apanhado pelos Redentores

depois da batalha de Silbury Hill (certamente um desastre para todos nós, quer Thomas Cale tenha estado envolvido ou não). É possível que ele tenha sido apanhado na batalha e desempenhado um papel menor; a sua descrição dos eventos tem o tom de uma experiência real. Tal como todos os romancistas hábeis, ele consegue usar eventos pelos quais passou realmente para emprestar plausibilidade aos que são imaginários. Por exemplo, manifesta frequentemente arrependimento por qualquer ação nobre ou generosa que tenha levado a cabo. Diz que arriscou a vida para salvar um jovem Materazzi que o perseguira e atormentara – um ato de santidade de que se afirma agora amargamente arrependido. Quando lhe perguntei se era sempre mau agir de forma generosa para com os outros, ele respondeu-me que, na sua experiência, podia não ser mau mas era sempre «um raio de uma catástrofe». As pessoas pensavam tão bem de fazer o bem, afirmou, que acabavam sempre por decidir que o melhor era fazê-lo com a ponta de uma espada. Os Redentores tinham tanta consideração pela bondade que queriam matar toda a gente, incluindo eles próprios, e começar de novo. Parece que era por este motivo que o seu primeiro mentor, o Redentor Bosco, o queria apanhar a qualquer custo. Thomas Cale não é (claro) um rapaz vulgar, mas sim a manifestação da Ira de Deus, e está destinado a eliminar o Seu maior erro (todos nós, para que não haja dúvidas) da face da Terra. Já tratei lojistas que pensavam ser grandes generais, e homens que mal sabiam escrever convencidos que eram poetas de génio sem paralelo, mas nunca encontrei um ego inflacionado desta magnitude, muito menos numa criança. Quando lhe perguntei há quanto tempo tinha estes sentimentos de importância ele começou a desdizer-se e (muito mal-humorado) afirmou que isso era o que Bosco pensava, e não ele, Thomas Cale. Quis também saber se acreditava que o Redentor Bosco era louco, e ele respondeu que nunca conhecera um Redentor que não o fosse e que, na sua experiência, muitas pessoas que pareciam ter a cabeça no sítio, assim que as víamos «em apertos» eram «completamente destravadas» – uma expressão que nunca tinha ouvido, mas cujo significado ficou perfeitamente claro.

Ele é, portanto, inteligente ao evitar as implicações dos seus delírios de grandeza: na opinião de homens grandes e com poder, ele é suficientemente poderoso para destruir todo o mundo; contudo, este delírio não é seu, mas sim dos outros. Quando lhe perguntei se faria uma coisa dessas, a sua resposta foi extremamente mal-educada, mas, em essência, negativa. Quando lhe perguntei se tinha a capacidade de o fazer, ele sorriu (não de forma agradável) e revelou que fora responsável pela morte de dez mil homens num só dia, portanto era apenas uma questão de quantos milhares e de quantos dias.

Depois de ter sido recapturado pelo Redentor Bosco, o seu papel de Anjo da Morte do mundo foi-lhe explicado em detalhe e o seu anterior mentor pô-lo a trabalhar. Este «Bosco» (o novo papa chama-se Bosco, mas é óbvio que Thomas Cale gosta de mentiras grandiosas) é muito odiado por Cale, apesar de, depois de o ter comprado por seis *pence*, o ter treinado e o ter elevado ao poder quase de um deus, ser, paradoxalmente, a origem de toda a sua excelência. Quando lhe chamei a atenção para este facto, Thomas Cale afirmou estar consciente disso, embora eu tenha percebido que o feriu na sua vaidade (que é imensa).

Em seguida ele descreveu em detalhe uma série interminável de batalhas, que me pareceram todas iguais e das quais saiu (claro!) sempre vitorioso. Quando lhe perguntei se, durante esses sucessos, não sofrera nem sequer alguns reveses, olhou para mim como se me quisesse cortar o pescoço e depois riu-se: um riso muito peculiar, quase uma exclamação, como se não conseguisse conter um sentimento muito diferente da alegria ou mesmo da troça. Estes inúmeros triunfos levaram a que, por sua vez, ele fosse menos vigiado por Bosco do que anteriormente, e, depois de mais uma grande batalha, na qual ele se impôs ao maior de todos os adversários, se escapulisse no caos subsequente e acabasse em Spanish Leeds, onde sofreu o primeiro dos ataques cerebrais que o trouxeram até aqui. Assisti a um destes ataques e são alarmantes de se ver e claramente difíceis de suportar: todo o seu corpo é acometido

de convulsões, como se estivesse a tentar vomitar mas não conseguisse. Insiste que foi enviado para cá por amigos com algum poder e influência em Spanish Leeds. Escusado será dizer que, destes benfeitores importantes, não há nem sinais. Quando lhe perguntei porque não o tinham vindo ver, ele explicou (como se eu fosse idiota) que acabara de chegar a Chipre e que a distância era demasiado grande para que pudessem vir visitá-lo regularmente. Esta grande distância fora uma opção deliberada, para o manter em segurança. «De quê?», perguntei. «De todos os que me querem ver morto», foi a resposta dele.

Contou-me que tinha chegado acompanhado por um médico e com uma carta para a Madre Superiora Allbright. Depois de pressionado, admitiu que o médico voltara para Spanish Leeds no dia seguinte, mas que passara várias horas com a Madre Superiora antes de partir. É evidente que Thomas Cale deve ter vindo de algum lado, e é possível que tenha realmente existido um médico que o tenha acompanhado até aqui, trazendo uma carta, e que tenha falado com a Madre Superiora antes de esta sofrer o seu enfarte. No entanto, a perda tanto da carta como da própria Madre Superiora deixa este caso numa espécie de limbo, como aquele em que se diz que as crianças não batizadas aguardam o fim dos tempos. Tendo em conta a natureza violenta das fantasias dele (embora, para ser justa, não do seu comportamento), o mais sensato parece ser colocá-lo em custódia preventiva até a carta ser encontrada ou a Madre Superiora recuperar o suficiente para nos revelar mais sobre ele. Dadas as circunstâncias, nem sequer posso escrever a ninguém e tentar descobrir mais sobre o paciente. É um estado de coisas muito insatisfatório e não é a primeira vez, nem de longe, que acontece o desaparecimento de registos. Discutirei com o erivanário como aliviar os sintomas do paciente, quando este vier, depois de amanhã. Quando aos delírios de grandeza, na minha opinião, tratá-los seria trabalho para muitos anos.

Anna Calkins, Anomista

Durante semanas, Cale esteve de cama, aos vômitos e a dormir, aos vômitos e a dormir. Após alguns dias apercebeu-se de que a porta ao fundo da enfermaria de vinte camas estava sempre trancada, mas isto era algo a que estava habituado e, dadas as circunstâncias, era pouco importante: também não estava em condições de ir a lado nenhum. A comida era adequada, os cuidados suficientemente bons. Não gostava de estar outra vez a dormir no mesmo quarto com outros homens, mas eram apenas dezanove e todos pareciam estar a viver os seus próprios pesadelos e não queriam saber dele. Conseguiu manter a calma e aguentar.